

“Olhos de Satélite” não enxergam total do desmatamento amazônico

MAURÍCIO TUFFANI

Da Reportagem Local

AMAZÔNIA - OLHOS DE SATÉLITE - de Liana John. Editoração Publicações e Comunicações Ltda, 1990, São Paulo, 144 págs. Cr\$ 8 510,00, na livraria Kosmos (av. São Luís, 162, SP, tel. 011-258-3244).

O livro de Liana John, 32, é um excelente contra-exemplo do que deve ser um trabalho de divulgação escrito por um jornalista especializado. Falta espírito crítico com relação às fontes —no caso, os responsáveis pela controvertida avaliação do desmatamento da Amazônia feita no ano passado no Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), instituição patrocinadora do livro juntamente com o Banco Real. A publicação foi lançada anteontem na sede do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília.

O livro apresenta 55 imagens de satélite (49 do Landsat-5, uma do Landsat-3 e cinco do Landsat-1), quase todas acompanhadas de comentários escritos em português, inglês e francês. Mas os eventuais leitores estrangeiros poderão continuar com algumas dúvidas instigantes. Apesar do didatismo e da criteriosa seleção de imagens de satélite e de fotos da região amazônica, o trabalho aborda com superficialidade o tema que mais atraiu a atenção da opinião pública internacional sobre a Amazônia nos últimos anos: a extensão do desmatamento na região.

“Tudo isso não chega a ocupar nem 10% da Amazônia legal, mas basta como exemplo de co-



Plantações em Rondônia são feitas em meio a troncos queimados

mo não fazer”, escreve a autora sobre a área total devastada na região. Essa imprecisão dá o que pensar. No ano passado, o Inpe apresentou o percentual de 5,12% —depois corrigido para 7,1%— para o total de área desmatada. O dado foi usado pelo presidente Sarney para desqualificar o índice de 12% do Banco Mundial.

De acordo com o prefácio de Marcio Nogueira Barbosa, diretor-geral do Inpe —para quem a escolha da autora “não poderia ter sido mais feliz”—, o objetivo do livro é apresentar “os resultados do progresso devastador” na Amazônia. A menos que isso signifique apresentar o que já é de conhecimento geral, é estranho demais deixar de lado a quantificação e a identificação das áreas desmatadas justamente em um trabalho elaborado com apoio das técnicas de sensoriamento remoto. Tal omissão é

inaceitável para um autor que entende do assunto e de sua importância em nível internacional.

Para a autora, os satélites ambientais deverão ser “um dos aliados a orientar a necessária mudança de curso da ocupação humana da região”. Justamente por isso, não há como negar a importância da abordagem quantitativa do total de área desmatada, por mais que seja um assunto incômodo para o órgão patrocinador do trabalho. Teria sido interessante apresentar pelo menos um mapa das áreas de ocupação humana na região, ainda que em escala mais reduzida do que a das imagens Landsat. Desse modo, seria possível compreender geograficamente o sentido da expansão das atividades humanas na região. Com isso, o livro teria sido algo mais do que um álbum fotográfico original.